

ALYA



*Confederação Nacional dos
Caçadores Portugueses*

**Vila Viçosa:
Museu da Caça
é um dos atrativos**

⊕ **Entrevista a João Alves, presidente
da Federação das Associações de
Caçadores da 1.ª Região Cinegética**

⊕ **Federação e Associações de Caçadores
do Algarve estabelecem protocolos com
autarquias de Castro Marim e de Alcoutim**



ESTAS SÃO AS FEDERAÇÕES FILIADAS NA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS CAÇADORES PORTUGUESES



Federação de Caçadores de Entre Douro e Minho
Presidente: Amâncio Afonso Mendes
Praça da Justiça, 166
4715-125 Braga
comercial@amanciomendes.mail.pt | 253 2690 00



Federação das Associações de Caçadores da 1ª Região Cinegética
Presidente: João Alves
Apartado 144
5340-342 Macedo de Cavaleiros
facirc@gmail.com | 278 426 368



Federação dos Clubes de Caça e Pesca do Distrito de Viseu
Presidente: Mário Antunes
R. Fernando Teixeira, Lote 1 – r/c – Esq.º - Abraveses
3515-156 Viseu
federacao.viseu@gmail.com | 232 452 021



Federação de Caça e Pesca da Beira Interior
Presidente: André Cid
Urbanização Quinta da Alampada, Lote 26 R/C Apartado 452
620o - 250 Covilhã
fcpbi@mail.telepac.pt | 275 315 402



Federação de Caça e Pesca da Beira Litoral
Presidente: Carlos Rodrigues
Rua da Sofia, 136 Edifício da Liga dos Combatentes
3000-389 Coimbra
fcpbeiralitoral@gmail.com | 916 298 503



FEDERCAÇA - Federação de Caçadores do Centro
Presidente: Avelino Ribeiro
Rua Principal, n.º 14 - Ranha de Baixo
3100-362 Pombal
federcaça@sapo.pt | 236 946 216



Federação das Zonas de Caça do Oeste - OESTECAÇA
Presidente: Joaquim António Faustino
Urbanização da Infesta, Rua das Acácias, Ed. OESTECAÇA
2560-375 Torres Vedras
fzcoeste@gmail.com | 918918369



Federação Alentejana de Caçadores
Presidente: José Lopes Bernardino
Rua D. Afonso Henriques, n.º 31
7800 – 049 Beja
info@fac.pt | 284323304



Federação de Caçadores do Algarve
Presidente: Vítor Palmilha
Praceta das Bernardas, N.º 4
8800 – 685 Tavira
geral@fcalgarve.pt | 281 326 469 / 912 250 057



04 EDITORIAL

07 ENTREVISTA

João Alves, presidente da FACIRC, fala sobre a génese da entidade e refere os aspetos que gostaria de ver melhorados, no setor

12 ROTEIRO

O que pode Vila Viçosa proporcionar a quem se interessa pela caça? É o que pode descobrir, neste roteiro

19 PASSOS POSITIVOS

Federação e Associações de Caçadores do Algarve estabelecem protocolos com as autarquias de Castro Marim e de Alcoutim

24 CINEGÉTICA

Programa ProROLA prevê várias medidas para preservar a rola-comum

José Lopes Bernardino edita livro dedicado à galinhola

Conheça o calendário venatório para as épocas de 2024/2025, 2025/2026 e 2026/2027

36 DIAS BONS

Gestão cinegética foi um dos temas abordados nas Jornadas do Mundo Rural de Alcoutim

Feira de Caça, Pesca e Desenvolvimento Rural voltou a animar Vilar Formoso

Macedo de Cavaleiros recebeu milhares de visitantes durante a Feira da Caça e Turismo

52 CINOTÉCNICA

Artigo de Jorge Piçarra sobre as provas de cães de parar

54 NOS PRÓXIMOS TEMPOS

Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses participa na EXPOCAÇA, em Santarém

Câmara de Mértola volta a promover as Jornadas da Caça para impulsionar o setor

58 NOUTROS TEMPOS

Aquela que se acredita ser a obra de arte figurativa mais antiga do mundo representa uma caçada

60 COM MUITO SABOR

Desta vez, propomos uma receita de veado com castanhas e cogumelos

A revista ALVA é propriedade da CNCP - Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses.

EQUIPA ALVA

Direção-geral: Vítor Palmilha | Produção: Malha - Comunicação | Direção de conteúdos: Paulo Dias | Edição e redação: Lélia Madeira | Colaboração: Jorge Rodrigues, Carla Rodrigues | Design e paginação: Bárbara Martins | Direção comercial: João Silva

CONTACTOS

alvarevista@malha.pt | 968 339 215 | 966 945 504 | 961 891 140

Fotos cedidas por: FACIRC - Federação das Associações de Caçadores da 1.ª Região Cinegética, Município de Alcoutim, Município de Almeida, Município de Castro Marim, Município de Macedo de Cavaleiros, Município de Mértola, Município de Vila Viçosa, Museu da Caça da Fundação da Casa de Bragança



VÍTOR PALMILHA

Presidente da Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses

Após um pequeno hiato temporal, a revista ALVA está de regresso para abordar alguns dos assuntos que consideramos importantes numa lógica de defesa e promoção do setor da caça e do mundo rural.

Nesta sexta edição, destacamos o nosso companheiro João Alves, cujo trabalho em frente à Federação das Associações de Caçadores da 1.ª Região Cinegética, merece o devido relevo. José Lopes Bernardino, outro companheiro nosso, está também em destaque por ter lançado recentemente, em edição de autor, o livro 'Scolopax rusticola', nome científico pelo qual é conhecida a galinhola.

Realçamos também o trabalho realizado em conjunto com as autarquias para a implementação de projetos que visem ordenar e proteger o território rural, nomeadamente fazendo diminuir o risco de incêndios e proteger o património cinegético. É o caso dos municípios de Alcoutim e Castro Marim, no Algarve, que se juntam ao município de Tavira, numa

parceria inovadora que gostaríamos de ver replicada em todo o território nacional.

Nesse sentido, voltamos a sublinhar a importância de trabalharmos em colaboração com o poder local, para encontrarmos as melhores estratégias que possam atuar sobre o território. Estamos e estaremos sempre disponíveis para esse objetivo.

O poder local, nomeadamente as autarquias, são fundamentais também no apoio a atividades e eventos que procuram promover o setor. E a nós cabe-nos agradecer esse apoio e enaltecer todo o trabalho realizado pelas várias equipas envolvidas nestes projetos.

Na ALVA, olhamos para alguns dos eventos, onde a caça é o mote para uma celebração social e onde funciona, ao mesmo tempo, como cartaz turístico.

Destacamos, ainda, o 'Plano de Recuperação e Conservação da Rola-Comum', denominado ProROLA, que

pretende implementar estratégias que revertam a diminuição significativa da população da rola-comum.

São alguns assuntos que pode encontrar nesta edição da revista ALVA, que acompanham a preocupação da Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses em estar próxima das Federações e de todas as entidades que trabalham em prol do setor da caça.

Sendo o governo peça fundamental na resolução dos problemas que afetam o setor, importa, por fim, desejar as maiores felicidades aos novos dirigentes, nomeadamente a José Manuel Fernandes, Ministro da Agricultura e das Pescas; e a Rui Ladeira, Secretário de Estado das Florestas. Para já, uma primeira nota positiva para o facto de voltarmos a ver esta Secretaria de Estado a regressar a este Ministério, de onde, de resto, nunca deveria ter saído.

Boas leituras.





“Temos que desmistificar determinados dogmas, que tentam criar-se em torno da caça”

João Alves

O entrevistado desta edição da revista ALVA é o recentemente reeleito presidente da Federação das Associações de Caçadores da 1.ª Região Cinegética. João Alves, além de falar sobre a génese da entidade, refere também os aspetos que gostaria de ver melhorados no setor.

Como e quando surgiu a Federação das Associações de Caçadores da 1.ª Região Cinegética?

A Federação foi criada em 1988, fruto da necessidade que, na época, 5 clubes sentiram em ter representação nacional.

Atualmente, quantas associações fazem parte da federação?

A federação representa cerca de 200 associações. Contudo, neste momento, nem todas têm as quotas em dia.

Quais as principais vantagens de ser associado da Federação das Associações de Caçadores da 1.ª Região Cinegética?

A principal vantagem tem obrigatoriamente de ser a razão pela qual a federação foi criada: a representação dos associados nas mais variadas instâncias. No entanto, existem muitas outras vantagens, pois damos todo o apoio de que os associados necessitam a nível administrativo, na organização dos mais variados eventos, como, por exemplo, montarias, provas de Santo Huberto, elaboração de projetos ou renovações. Enfim, procuramos dar um apoio completo, consoante as necessidades de cada caso.



No final de 2023, foi reeleito presidente da FACIRC. Que mudanças gostaria de implementar ao longo deste novo mandato, no seio da federação?

Gostaria de poder contribuir para melhorar o panorama atual da caça nesta região e, conseqüentemente, em todo o país.

O setor da caça atravessa uma fase de enormes desafios, em resultado essencialmente das alterações climáticas. Quais são as suas maiores preocupações a este nível?

Já tenho manifestado publicamente essas preocupações. Creio que o Estado tem que olhar para a caça com outros olhos. A caça dinamiza muitos milhares de euros de receitas para diversos setores da sociedade, e, nas zonas rurais, é uma realidade de importância determinante para as populações.

Temos também que desmistificar determinados dogmas, que tentam criar-se em torno da caça, patrocinados por certos grupos que se atrevem a opinar sobre a caça, sem

conhecer a verdadeira realidade que ela representa.

Para os caçadores que não conhecem o vosso território, de que forma o descreveria? Quais são as suas principais potencialidades para a prática da caça?

No nosso território, temos todo o tipo de caça existente no país. Temos zonas mais propícias para a caça menor e outras para a caça maior. Nos últimos anos, devido ao declínio da caça menor, tem havido um maior incremento da caça ao javali. Têm-se realizado inúmeras montarias que são autênticas romarias e que são muito apreciadas pela maioria dos monteiros. A melhor descrição que posso dar desta zona é a usada por alguns caçadores do litoral como “o reino maravilhoso”.

Em janeiro, realizou-se a 26.ª edição da Feira de Caça com a organização da FACIRC e o apoio do Município de Macedo de Cavaleiros. Que balanço faz em termos de adesão de público e de expositores?

Este evento redundou uma vez

mais num enorme sucesso, tivemos o maior número de participações de sempre, tanto nas atividades venatórias como no número de visitantes. As atividades cinegéticas também nos proporcionaram resultados muito bons, pelo que o balanço não podia ser melhor.

Que novidades houve face às edições anteriores?

Não houve muita variação ao nível das atividades, não há muito mais a inventar, sendo um evento que se realiza uma vez por ano, e que tem tido muito sucesso, normalmente, mantemos a mesma roupagem, porque é isso que as pessoas procuram. Este ano, tivemos a visita de mais estrangeiros.

Qual a importância deste certame para a dinamização do setor e do próprio município?

Este é dos certames, no setor da caça, mais importantes do país, o que, só por si, diz tudo em relação ao que representa para a região, tanto a nível económico como lúdico, trazendo milhares de visitantes ao nosso território.



Nota biográfica

João Alves

João Alves tem 55 anos e é natural de Santa Combinha, no concelho de Macedo de Cavaleiros.

Começou a interessar-se pela caça aos 13 anos, quando lhe ofereceram um podengo pequenino que criou e treinou. Além de caçar, também gosta de pescar, sendo que a sua primeira eleição como presidente da FACIRC aconteceu há três anos.

Possui um curso técnico de gestor de seguros e está

nessa atividade desde 1998. Atualmente, é dono de uma empresa, que, a par de gerir uma carteira de seguros, comercializa castanhas em grandes quantidades.

Os dias de João Alves são, ainda, preenchidos com as suas responsabilidades enquanto presidente da Junta de Freguesia de Podence, terra conhecida pelo Entrudo Chocalheiro, considerado Património Imaterial da Humanidade da UNESCO.





Próximo destino: Vila Viçosa

Os seus muitos encantos valeram-lhe o cognome de “Princesa do Alentejo”. Afinal, o que torna Vila Viçosa tão encantadora e o que pode proporcionar a quem se interessa pela arte da caça? É o que pode descobrir, neste roteiro.



Roteiro



A caça assume-se com uma atividade de grande importância, no concelho de Vila Viçosa, desde logo devido à sua ligação histórica com a Casa de Bragança, que ali fundou uma das suas tapadas.

De realçar também as características naturais do território que permitem a existência de uma grande diversidade de espécies cinegéticas. As principais são o coelho, a lebre, o javali, o gamo, o veado (na Tapada Real), o tordo, o pombo-bravo, a perdiz, a codorniz, a raposa e o saca-rabo.

Tudo isto faz com que “esta atividade tenha um número muito considerável de praticantes”, explica à revista ALVA o presidente da Câmara Municipal de Vila Viçosa, Inácio Esperança.



Inácio Esperança, Presidente da Câmara Municipal de Vila Viçosa

O número de zonas de caça neste concelho do distrito de Évora é também bastante expressivo. No total, são 35. Destas, 18 são zonas de caça associativas, 16 são turísticas e 1 é municipal. Já as associações do setor são 4: Real Viçosa – Associação de Caçadores de Vila Viçosa; Cube de Caça e Pesca de Bencatel; Clube de Caça e Pesca de São Romão; e Alémcaça.

Inácio Esperança faz igualmente questão de sublinhar o papel que a caça tem na preservação do meio ambiente, “através do cumprimento das regras e da implementação de boas práticas no que concerne à conservação das espécies. Os caçadores estão na primeira linha nesse contexto, promovendo o equilíbrio necessário à reprodução das espécies autóctones e zelando pela proteção dos ecossistemas”.



Eventos a não perder

Qualquer altura é excelente para passear pelo concelho de Vila Viçosa. Contudo, o final do ano torna-se particularmente atrativo, devido a dois eventos de caça, um organizado pela Fundação da Casa de Bragança e o outro pelo Município.

Geralmente, em novembro, a Fundação da Casa de Bragança promove, na Tapada Real, caçadas aos gamos, veados e javalis, de modo a poder controlar os efetivos

existentes. É uma forma de contribuir também para o equilíbrio das espécies existentes e do seu habitat. Estas caçadas são consideradas das mais importantes na Península Ibérica, tanto em termos de exemplares abatidos como de troféus obtidos.

Na primeira semana de dezembro, volta a haver outro motivo forte para visitar Vila Viçosa. Trata-se da Semana Gastronómica da Caça,

que tem registado uma adesão crescente no número de restaurantes participantes. Com este evento, a autarquia pretende “conjugiar a visita a espaços patrimoniais relacionados com a Casa de Bragança e com as coleções sobre a caça, com a degustação de pratos de caça, procurando, desta forma, dinamizar os fluxos turísticos num período de menor visitação ao nosso concelho”, explica à revista ALVA o autarca Inácio Esperança.

Onde comer bons pratos de caça?

Não é difícil encontrar em Vila Viçosa sítios para desfrutar de bons pratos de caça. O difícil mesmo é decidir por onde começar. Eis algumas pistas:

Casa da Maria

Coelho à casa

Açorda de perdiz com ovos de codorniz

Ninho dos Cucos

Perna de javali no forno com puré de maçã e geleia de framboesa

Lombo de veado grelhado com molho de mostarda e cogumelos

Restauração

Bomba de perdiz e queijo de ovelha

Javali com amêijoas

Restaurante Ouro Branco

Canjas de perdiz e de pombo-bravo

Pombo tostado à antiga

Taverna dos Conjurados

Cogumelos recheados com faisão e perdiz

Terrina de veado





“Em ti o meu olhar fez-se alvorada,
E a minha voz fez-se gorjeio de ninho,
E a minha rubra boca apaixonada
Teve a frescura pálida do linho.

Embriagou-me o teu beijo como um vinho
Fulvo de Espanha, em taça cinzelada,
E a minha cabeleira desatada
Pôs a teus pés a sombra dum caminho.”

Florbela Espanca, in 'Charneca em Flor'

Casa Florbela Espanca
Vila Viçosa

O que visitar



Inaugurada a 1 de agosto de 1912, a **Farmácia Monte**, situada na rua Dr. António José de Almeida, é hoje considerada um “templo da ciência”, uma vez que acolhe uma coleção museológica única sobre a produção semi-industrial de medicamentos.

Ao visitar este espaço, o público fica com um panorama da atividade profissional e científica exercida no

início do século XX, que é impossível de dissociar da história de Vila Viçosa.

A Farmácia Monte foi fundada por António Victor, um qualificado farmacêutico de oficina e simultaneamente um empresário muito à frente do seu tempo. Graças aos seus descendentes, ao Município de Vila Viçosa e ao apoio de diferentes instituições, a farmácia tornou-se, em 2022, num espaço cultural.



Outro local que vale a pena visitar é a **Armaria do Paço Ducal de Vila Viçosa**, que reflete bem a importância que a caça e o tiro tinham para a Família Real. Fruto de generosas ofertas e também de encomendas, a dinastia de Bragança conseguiu reunir inúmeras coleções. Uma das mais emblemáticas é a coleção de armas exóticas - africanas e asiáticas - do Rei D. Fernando II.



Por último, mas não menos importante, destaque para o **Museu da Caça**, mais um espaço pertencente à Fundação da Casa de Bragança.

Situado no Castelo de Vila Viçosa, o Museu da Caça tem uma relevância museológica extrema, tanto pela qualidade como pela quantidade dos objetos expostos.

A atividade cinegética foi uma constante ao longo dos séculos e a Casa de Bragança foi responsável pela criação de várias tapadas: Vila Viçosa, Ajuda, Mafra.

Este espaço revela bem a importância simbólica e económica da caça no contexto da Casa de Bragança, estando enriquecido com alguns exemplares cedidos em depósito ou doados por colecionadores particulares.

O grande núcleo de artefactos indígenas (cerca de 200 exemplares) foi constituído por membros da Família Real. O conjunto mais numeroso, composto por armas cerimoniais, provém sobretudo de Moçambique e Angola, tendo sido oferecido aquando da viagem às

antigas colónias ultramarinas do Príncipe D. Luís Filipe, em 1907.

Além de numerosas aves europeias e de troféus de caça de origem africana, esse conjunto inclui alguns exemplares provenientes das coleções reais, como o crânio de elefante pigmeu.

Quanto às expedições oceanográficas do Rei D. Carlos, essas são evocadas por peças utilizadas a bordo das embarcações reais, sobretudo do late Amélia.

DESTINOS ANTERIORES

Nas primeiras cinco edições, a revista ALVA andou por Mértola, Almeida, Vila do Bispo, Torres Vedras e Mealhada. Fica o convite para descobrir ou redescobrir estes territórios e saber de que forma o setor da caça é vivido em cada um deles.

- ⊕ Para descobrir Mértola, [clique aqui.](#)
- ⊕ Para descobrir Almeida, [clique aqui.](#)
- ⊕ Para descobrir Vila do Bispo, [clique aqui.](#)
- ⊕ Para descobrir Torres Vedras, [clique aqui.](#)
- ⊕ Para descobrir Mealhada, [clique aqui.](#)



Entrada para a Tapada Real de Vila Viçosa



Federação de Caçadores do Algarve e Associações de Caçadores da região estabelecem protocolos com autarquias de Castro Marim e Alcoutim

Os municípios algarvios de Castro Marim e de Alcoutim assinaram recentemente acordos de cooperação com entidades ligadas à caça, que visam, entre outros aspetos, aumentar a eficácia no combate a incêndios rurais.



A Federação de Caçadores do Algarve, juntamente com os clubes e associações de caça do concelho, estabeleceu recentemente um protocolo com o Município de Castro Marim.

O documento foi assinado a 22 de fevereiro por Filomena Sintra, vice-presidente da Câmara de Castro Marim, e por Vítor Palmilha, presidente da Federação de Caçadores do Algarve.

Esta colaboração visa melhorar a eficácia na mitigação das alterações climáticas e a instalação de uma rede de defesa contra incêndios rurais, através da execução de parcelas da rede de faixas de gestão de combustível.



João Pereira, Vereador da Câmara Municipal de Castro Marim
Filomena Sintra, Vice-Presidente da Câmara Municipal de Castro Marim
Vitor Palmilha, Presidente da Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses e da Federação de Caçadores do Algarve

No âmbito das faixas de gestão de combustível, as associações que assinaram o protocolo serão agora responsáveis pela instalação e manutenção de pastagens anuais semeadas de sequeiro.

Este mosaico paisagístico contribui para a defesa contra incêndios rurais e também para a melhoria do

habitat nas suas funções ecológicas, atribuindo benefícios ambientais ao nível do solo, da biodiversidade e ecossistemas das paisagens.

O protocolo traduz-se num apoio financeiro superior a 56 mil euros e pode abranger 17 associações e clubes existentes no concelho de Castro Marim.





A Federação de Caçadores do Algarve firmou também protocolo com o Município de Alcoutim, e com os clubes e associações de caça deste concelho algarvio.

A assinatura do documento aconteceu a 1 de março, durante as Jornadas do Mundo Rural. Em representação da Câmara Municipal de Alcoutim, esteve Paulo Paulino, vice-presidente à data, enquanto as associações de caçadores fizeram-se representar por Vítor Palmilha.

O Município destaca a “importância da atividade cinegética para a dinâmica económica rural” e “para a melhoria do habitat e disponibilidade alimentar cinegética”.



Rosa Palma, Vereadora da Câmara Municipal de Alcoutim
Vítor Palmilha, Presidente da Federação de Caçadores do Algarve
Paulo Paulino, Vice-presidente da Câmara Municipal de Alcoutim à data

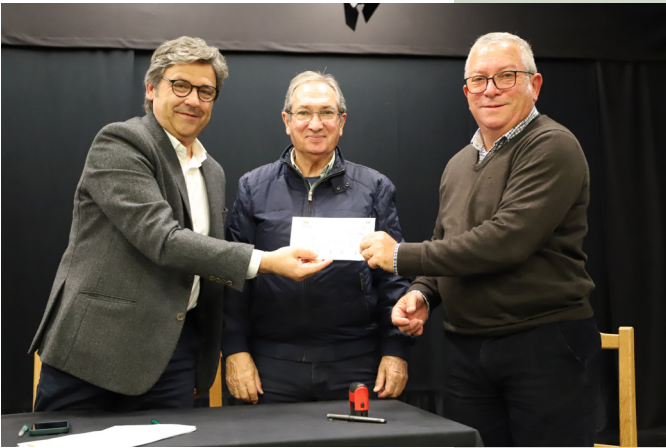


Este protocolo abrange 21 zonas de caça, e inclui um envelope financeiro de 105 mil e 300 euros.

Para o Município de Alcoutim, é “imperativa a consolidação da intervenção no território, através do estabelecimento de parcerias com clubes e associações de

caça que materializem no terreno atividades de interesse municipal, melhorando a eficácia no combate a incêndios rurais através da execução de parcelas da rede de faixas de gestão de combustível implantadas estrategicamente e beneficiação da rede viária complementar”.





ProROLA: um programa que congrega esforços de várias entidades para a preservação da rola-comum



Susana Dias, Professora Auxiliar no Instituto Superior de Agronomia e Investigadora no Centro de Ecologia Aplicada “Prof. Baeta Neves”, elenca, nesta entrevista, as medidas previstas no âmbito do programa ProROLA. A responsável explica também de que forma os caçadores podem ter um papel ativo na conservação desta ave cinegética.

O que motivou a criação do programa ProROLA?

ProROLA é o acrónimo para “Plano de Recuperação e Conservação da Rola-Comum” – ProROLA Ano 1. Este plano surgiu com o reconhecimento generalizado de que a população de rola-comum (*Streptopelia turtur*), em Portugal e na Europa, tem vindo diminuir significativamente nas últimas décadas e que era necessário tomar medidas para reverter esta situação e garantir a exploração sustentável e adaptativa desta espécie, antes que fosse demasiado tarde.

Para isso, foi necessário conjugar esforços de todas as entidades interessadas nesta temática (organizações cinegéticas, estatais,

ONG e a academia), para reforçar o conhecimento bio-ecológico, demográfico, genético e sanitário da espécie, no atual contexto sócio-económico, de uso da terra, e de alterações climáticas.

Portugal tem um papel relevante nesta demanda, uma vez que se encontra no limite ocidental do corredor de migração desta espécie, recebendo efetivos de outros países mais a norte durante as passagens migratórias entre a Europa e África.

No fim de 2019, foi desenhado e discutido o plano plurianual ProROLA, no seguimento de um memorando

de entendimento para a conservação da rola-comum e que congregava esforços de várias entidades portuguesas. O ProROLA, no entanto, só viu a luz do dia em maio de 2023.

O ProROLA é financiado pelo Fundo Ambiental (FA) e coordenado pelo Centro de Ecologia Aplicada “Prof. Baeta Neves”, do Instituto Superior de Agronomia. Tem como parceiros as Organizações do Setor da Caça de Primeiro Nível (ANPC, CNCP e FENCAÇA), a SPEA (Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves) como representante das ONG Ambiente e ainda o INIAV e o ICNF, como interlocutores estatais.

Quais os objetivos principais deste projeto?

O objetivo estratégico deste Plano de Ação, a médio e longo prazos, é contribuir para a reversão do declínio da rola-comum na rota ocidental europeia, fomentando medidas de recuperação e conservação da espécie e aumentando o conhecimento sobre as populações que acolhemos todos os anos nos nossos territórios, bem como sobre os fatores de declínio e as ameaças que a espécie enfrenta durante o período reprodutor e a invernada.

Estes esforços deverão ser articulados com os esforços desenvolvidos à escala ibérica e internacional, nomeadamente através da implementação

de ações harmonizadas no terreno e da partilha de informações e resultados de monitorização/investigação.

O Plano de Recuperação e Conservação da Rola-Comum foi pensado para articular diversos objetivos em vários anos:

- ⊕ Objetivo 1 – Aumentar o conhecimento sobre a rola-comum
- ⊕ Objetivo 2 – Promover a qualidade dos habitats (de reprodução)
- ⊕ Objetivo 3 – Desenvolver uma estratégia de caça sustentável e adaptativa

- ⊕ Objetivo 4 – Promover a cooperação internacional
- ⊕ Objetivo 5 – Desenvolver uma estratégia de comunicação

O financiamento de 200 mil euros corresponde ao primeiro ano (ProROLA ano 1 decorre até julho 2024), que concentra as atividades de preparação e formação de equipas no terreno, aperfeiçoamento e otimização de abordagens em trabalho de campo, teste de equipamento, para recolher dados enquanto a rola-comum está no nosso país. O ProROLA ano 1 desenvolve assim ações que se inserem no âmbito dos 5 objetivos indicados anteriormente.



Que ações estão previstas?

As ações são essencialmente exploratórias e visam perceber se podemos instalar um sistema nacional de monitorização e acompanhamento da espécie, partilhado entre vários interlocutores e dos quais os caçadores são parte integrante. Por exemplo, para aumentar o conhecimento sobre a rola-comum (no âmbito do objetivo 1), as ações no terreno durante a primavera e o verão, foram concentradas na procura de evidências de reprodução (como canto, cortejamento entre casais, ninhos e juvenis), e no acompanhamento dos casais reprodutores, para saber se tiveram sucesso ou não, assim como avaliação dos locais de criação, dos locais de alimentação.

Foram instaladas câmaras em cevadouros selecionados em cada uma das zonas de caça envolvidas neste estudo, para perceber como a rola-comum usa os cevadouros ao longo do dia e ao longo da época e como é que isso pode ser afetado por vários fatores como o clima, a presença de predadores, de competidores (como o javali ou mesmo os pombos ou a rola-turca, etc.). Foram também feitas contagens durante caçadas em branco (aquando das caçadas aos pombos), para testar, por exemplo, o efeito da perturbação (os tiros) no uso dos cevadouros pela rola ou os melhores períodos do dia, para fazer as caçadas.

Todos este trabalho foi feito com o apoio das zonas de caça e, como tal, dos caçadores.



Em que áreas territoriais vão ser implementadas essas ações?

O trabalho foi desenvolvido em diferentes regiões do país, tentando abranger a diversidade de habitats que a rola-comum usa em Portugal. Para testar as metodologias e recolher já em 2023 alguma informação sobre os casais reprodutores selecionaram-se 9 áreas com centenas de hectares, que incluem zonas de caça (ZC) com três tipos de gestão (associativa, municipal e turística): a norte do Douro, na Beira litoral e na Beira interior e, a sul, no Alentejo interior (na bacia do Guadiana) e no sotavento algarvio.

As atividades a testar nestas ZC poderão ser replicadas futuramente noutras zonas do país de modo a obter uma maior cobertura e dados mais robustos.

De que forma os caçadores podem contribuir para a preservação e recuperação da rola-comum?

As populações de rola-comum estão a ser afetadas pela diminuição da quantidade e qualidade dos seus habitats de criação e de alimentação. Neste aspeto, os caçadores e gestores das ZC podem contribuir para que o território seja gerido de modo a garantir locais de instalação dos ninhos, tranquilidade e também alimento e água durante a estadia da espécie em Portugal. O ProROLA irá disponibilizar e divulgar, no seu website, informação acessível sobre boas práticas de gestão dos habitats em prol da rola-comum.

O ProROLA prevê o desenvolvimento de uma aplicação para telemóvel, para reporte de informação sobre a espécie por parte da sociedade civil e também dos efetivos caçados quando a moratória acabar. Espera-se a adesão massiva dos caçadores a estes processos, de modo a termos futuramente umas estatísticas de caça mais próximas da realidade e a podermos contribuir eficazmente para a gestão da espécie. Para já, e enquanto a moratória continuar, podem contribuir com informação sobre as populações

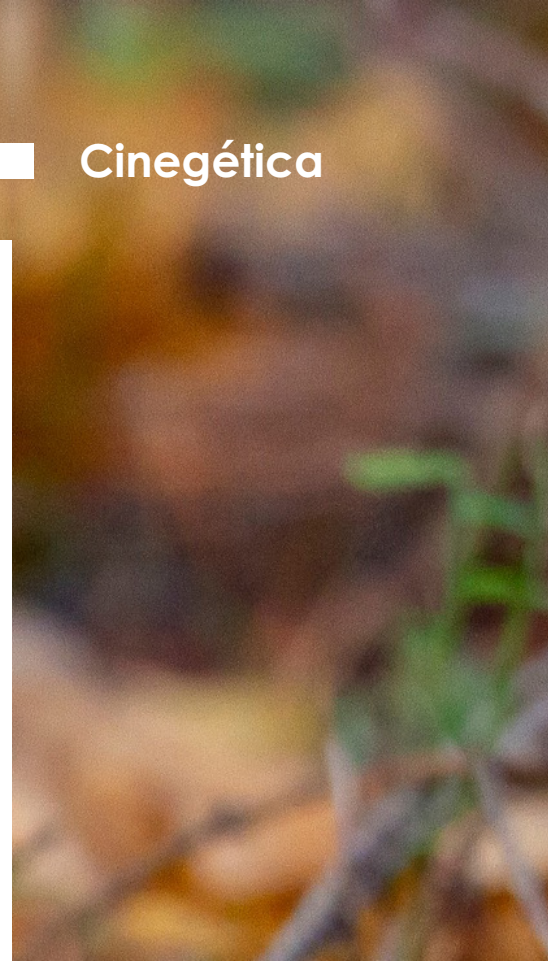
de rola, nomeadamente nas suas zonas de caça.

A rola-comum, enquanto está a criar, é muito sensível à proximidade dos humanos, os seus potenciais predadores e, como tal, é muito importante, ao encontrar um ninho, manter a distância, de modo a garantir que as crias se emancipam dos progenitores com sucesso. No entanto, fotos tiradas de local seguro sobre casais, ninhos e ninhadas ou mesmo de pontos estratégicos para boas contagens de rolas durante o verão, são sempre informações úteis, desde que devidamente georreferenciadas (o que hoje se consegue com o telemóvel).

Finalmente, os caçadores, na voz dos seus representantes, irão ter papel ativo e informado no plano nacional de gestão da rola-comum, que contribuirá para um plano de gestão adaptativa desta espécie a nível europeu. Assim, os caçadores podem participar nas propostas de metas periódicas, na sua forma de avaliação e nos objetivos a atingir, cumprindo as medidas que forem indicadas para que esses objetivos se alcancem.

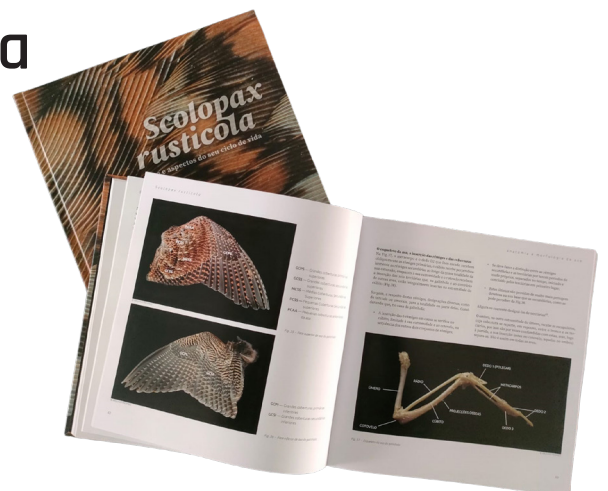
Sobre Susana Dias

Susana Dias é bióloga desde 1990 e Doutorada em Engenharia Florestal e dos Recursos Naturais pelo Instituto Superior de Agronomia (ISA), onde abordou a temática da ecologia e gestão da rola-comum em Portugal. Professora Auxiliar no ISA e Investigadora no Centro de Ecologia Aplicada "Prof. Baeta Neves" (CEABN-ISA, Centro Ecologia Aplicada), onde tem sido responsável por várias iniciativas e projetos relacionados com fauna bravia e respetivos habitats.



José Lopes Bernardino publica livro sobre a galinhola

Ao longo dos seus cinquenta anos enquanto caçador, José Lopes Bernardino tem participado em dezenas de jornadas de caça à galinhola, experiências que podemos conhecer na publicação que dedica a esta ave.





‘Scolopax rusticola’ é o nome científico da galinhola e também o título do livro recentemente publicado por José Lopes Bernardino.

Nesta publicação, o autor aborda a relação familiar da ave com as limícolas e a sua distribuição no mundo, fala da sua anatomia e morfologia, do condicionamento entre crânio e cérebro, dos sentidos, do aparelho digestivo, peso, sexo, plumagem e diferenciação etária.

Também são referidos os quatro tempos que marcam a vida anual da galinhola: migração de primavera, reprodução, migração de outono e invernagem.

Além dos aspetos específicos de cada migração, é abordado o fenómeno migratório em si, bem como a sua base genética.

A reprodução, embora seja uma realidade distante de nós, desperta uma curiosidade que o livro visa satisfazer, com a análise das diversas fases que conduzem ao nascimento e crescimento das aves, que asseguram a manutenção da espécie.

José Lopes Bernardino dá igualmente a conhecer os hábitos da galinhola e os habitats que frequenta durante a invernagem, tempo que se desenrola entre nós e que podemos observar.

A predação, transversal a todos os momentos da vida da ave, também merece uma referência no livro, ainda que sucinta.

A par disso, é feita uma abordagem individual à galinhola de cada um dos arquipélagos das ilhas atlânticas, Açores e Madeira, e também à ave no contexto da Região Biogeográfica da Macaronésia.

Outros aspetos em foco prendem-se com o direito de cada país de assumir a gestão do seu efetivo e com a necessidade de se proceder a medidas de ajustamento dos calendários cinegéticos de vários países europeus na rota migratória. No domínio interno, o autor debruça-se sobre os efeitos danosos que as desmatações causam a esta ave.

O último capítulo é dedicado aos outros protagonistas desta atividade - os cães de caça - e às experiências vividas pelo autor.

Para realizar este trabalho, José Lopes Bernardino baseou-se em estudos publicados sobre a matéria e nas suas próprias observações e registos de carácter estatístico, decorrentes de largas dezenas de jornadas de caça à galinhola, particularmente na Companhia das Lezírias e na Serra de Portel.



Sobre o autor

José Lopes Bernardino é natural de Aldeia Nova de S. Bento, no concelho de Serpa. Caçador desde 1974, começou a caçar à galinhola a partir do final do século XX.

Desde 2016, é presidente da direção da Federação Alentejana de Caçadores e membro da direção da Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses.



Como encomendar a publicação

A publicação 'Scolopax rusticola' tem um valor de 50 euros, acrescidos de 5 euros de portes de envio. Pode ser encomendada através do e-mail jlbernardino@sapo.pt.

ProROLA

Projeto conjunto para a recuperação da rola-brava em Portugal



CONFERÊNCIA | EXPOCAÇA 2024

11 de Maio | Sábado | Auditório

16h00 | Abertura

16h30 | O ProRola no âmbito do Plano Europeu de Recuperação da rola-brava.

16h45 | Painel I - Resultados do primeiro ano do ProRola e perspetivas relativamente à caça da rola-brava num modelo de gestão adaptativa.

17h10 | Painel 2 - A importância da colaboração entre sector da caça, ONGAs e Academia

18h00 | Debate

18h30 | Encerramento



MARQUE NA SUA AGENDA!

Parceiros:

Apoio:





Calendário Venatório

A 1 de junho de 2024, entra em vigor o calendário venatório para as seguintes épocas: 2024/2025, 2025/2026 e 2026/2027.

É permitido caçar as espécies cinegéticas indicadas nas tabelas apresentadas nas páginas seguintes, onde constam também os períodos e limites de abate, bem como outros condicionalismos.

Espécie	Período venatório		Limites diários de abate por	
	Terreno ordenado	Terreno não ordenado	Terreno ordenado	Terreno não ordenado
Coelho-bravo <i>Oryctolagus cuniculus</i>	De 1 de setembro a 31 de dezembro	Do 1.º domingo de outubro a último domingo de novembro	(3)	1
Lebre <i>Lepus granatensis</i>	De 1 de setembro a 31 de dezembro		(3)	1
Raposa <i>Vulpes vulpes</i>	De 1 de outubro a 28 de fevereiro		(3)	1
Saca-rabos <i>Herpestes ichneumon</i>	De 1 de outubro a 28 de fevereiro	Do 1.º domingo de outubro a último domingo de dezembro	(3)	1
Perdiz-vermelha <i>Alectoris rufa</i>	De 1 de outubro a 31 de janeiro		(3)	1
Faisão <i>Phasianus colchicus</i>	De 1 de outubro a 31 de janeiro	—	(3)	—
Pombo-da-rocha <i>Columba livia</i> (2)	Do 3.º domingo de agosto a 31 de dezembro		25	15
Pega-rabuda <i>Pica pica</i>	Do 3.º domingo de agosto a 28 de fevereiro	Do 1.º domingo de outubro ao último domingo de dezembro	(3)	1
Gralha-preta <i>Corvus corone</i>	Do 3.º domingo de agosto a 28 de fevereiro		(3)	1
Frisada <i>Anas strepera</i>	De 1 de outubro a 20 de janeiro	—	1	—
Pato-trombeteiro <i>Anas clypeata</i>	De 1 de outubro a 20 de janeiro	—	1	—
Zarro-comum <i>Aythya ferina</i>	De 1 de outubro a 20 de janeiro	—	1	—

(1) A caça à lebre, a corricão e por cetraria, tem início a 1 de setembro e termina a 28 de fevereiro.

(2) A caça a esta espécie apenas é permitida nos municípios identificados na Portaria n.º 736/2001, de 17 de julho, corrigida pela Declaração de Retificação n.º 14-J/2001, de 31 de julho.

(3) Limites de acordo com os planos de ordenamento e exploração cinegética para as zonas de caça associativas e turísticas e planos anuais de exploração para as zonas de caça municipais.

Espécie	Período venatório		Limites diários de abate por	
	Terreno ordenado	Terreno não ordenado	Terreno ordenado	Terreno não ordenado
Zarro-negrinha <i>Aythya fuligula</i>	De 1 de outubro a 20 de janeiro	–	1	–
Marrequinha <i>Anas crecca</i>		–	10	–
Arrabio <i>Anas acuta</i>		–	10	–
Piadeira <i>Anas penelope</i>		–	10	–
Pato-real <i>Anas platyrhynchos</i>	Do 3.º domingo de agosto a 20 de janeiro	–	10	–
Galeirão <i>Fulica atra</i>		–	10	–
Galinha-d'água <i>Gallinula chloropus</i>		–	5	–
Tarambola-dourada <i>Pluvialis apricaria</i>		–	5	–
Narceja-comum <i>Gallinago gallinago</i>	De 1 de novembro a 20 de janeiro	–	8	–
Narceja-galega <i>Lymnocyptes minimus</i>		–	8	–
Galinhola <i>Scolopax rusticola</i>	De 1 de novembro a 10 de fevereiro	–	3	–
Codorniz <i>Coturnix coturnix</i>	De 1 de setembro a 30 de novembro	–	10	–

(1) A caça à lebre, a corrição e por cetraria, tem início a 1 de setembro e termina a 28 de fevereiro.

(2) A caça a esta espécie apenas é permitida nos municípios identificados na Portaria n.º 736/2001, de 17 de julho, corrigida pela Declaração de Retificação n.º 14-J/2001, de 31 de julho.

(3) Limites de acordo com os planos de ordenamento e exploração cinegética para as zonas de caça associativas e turísticas e planos anuais de exploração para as zonas de caça municipais.

Espécie	Período venatório		Limites diários de abate por	
	Terreno ordenado	Terreno não ordenado	Terreno ordenado	Terreno não ordenado
Pombo-bravo <i>Columba oenas</i>	Do 3.º domingo de agosto a 20 de fevereiro	–	50	–
Pombo-torcaz <i>Columba palumbus</i>		–	50	–
Tordo-zornal <i>Turdus pilaris</i>		–	40	–
Tordo-comum <i>Turdus philomelos</i>		–	40	–
Tordo-ruivo <i>Turdus iliacus</i>		De 1 de novembro a 20 de fevereiro	–	40
Tordeia <i>Turdus viscivorus</i>	–		40	–
Estorninho-malhado <i>Sturnus vulgaris</i>	–		40	–
Javali <i>Sus scrofa</i>	–		(3)	–
Gamo <i>Dama dama</i>	–		(3)	–
Veado <i>Cervus elaphus</i>	De 1 de junho a 31 de maio	–	(3)	–
Corço <i>Capreolus capreolus</i>		–	(3)	–
Muflão <i>Ovis amon</i>		–	(3)	–

(1) A caça à lebre, a corrição e por cetraria, tem início a 1 de setembro e termina a 28 de fevereiro.

(2) A caça a esta espécie apenas é permitida nos municípios identificados na Portaria n.º 736/2001, de 17 de julho, corrigida pela Declaração de Retificação n.º 14-J/2001, de 31 de julho.

(3) Limites de acordo com os planos de ordenamento e exploração cinegética para as zonas de caça associativas e turísticas e planos anuais de exploração para as zonas de caça municipais.



Gestão cinegética foi um dos temas analisados nas Jornadas do Mundo Rural realizadas em Alcoutim

As doenças dos coelhos foi um dos tópicos abordados no painel sobre gestão cinegética, durante as Jornadas do Mundo Rural promovidas pela Câmara de Alcoutim.

Alcoutim recebeu, nos dias 29 de fevereiro e 1 de março, as Jornadas do Mundo Rural, um evento que reuniu especialistas, autoridades e comunidade para debater os desafios e oportunidades do meio rural.

Com o objetivo de promover a discussão construtiva e a busca de soluções para os desafios enfrentados pelo mundo rural, o evento contou com a participação de representantes de diferentes setores e interessados no desenvolvimento sustentável da região.



Painéis temáticos abordaram desafios e soluções

O debate foi dividido em quatro painéis. O primeiro painel foi dedicado à água, tendo sido analisados os desafios e estratégias para a gestão sustentável dos recursos hídricos. Os ecossistemas e a paisagem foi o tema do segundo painel. Seguiu-se a agrofloresta e o clima, painel em que se abordaram práticas de agrofloresta e a sua relação com as mudanças climáticas. A gestão cinegética foi o tema do quarto e último painel, durante o qual se falou das doenças dos coelhos.

Segundo o presidente da Câmara Municipal de Alcoutim à data, Osvaldo Gonçalves, “estas Jornadas representam um importante espaço de diálogo e partilha de conhecimento entre a comunidade, especialistas e decisores, visando encontrar soluções sustentáveis para os desafios que enfrentamos no meio rural”.

Esta iniciativa enquadra-se numa estratégia do município assente na promoção do “desenvolvimento harmonioso do nosso território, valorizando os recursos naturais e a qualidade de vida da nossa população”, explica o edil.

As Jornadas do Mundo Rural foram organizadas pela Câmara Municipal de Alcoutim, em parceria com a Câmara Municipal de Mértola, a CCDR Algarve, a Associação Cumeadas e as zonas de caça do concelho.



Osvaldo Gonçalves, Presidente da Câmara Municipal de Alcoutim à data



Milhares de pessoas visitaram a Feira de Caça, Pesca e Desenvolvimento Rural de Vilar Formoso

A 15.^a edição da Feira de Caça, Pesca e Desenvolvimento Rural, que decorreu em Vilar Formoso, no primeiro fim de semana de fevereiro, recebeu mais de 20 mil visitantes de vários pontos do país, atraídos por um programa diversificado.

Com o lema 'Um evento para toda a família', a Feira de Caça, Pesca e Desenvolvimento Rural de Vilar Formoso, no município de Almeida, proporcionou uma variedade de atividades para diferentes idades e interesses.

O certame realizou-se de 2 a 4 de fevereiro e contou com a visita de mais de 20 mil pessoas, tanto da região como de outras zonas do país. Ano após ano, tem-se verificado não só um aumento no número de visitantes, como também de expositores. Na edição deste ano, segundo a autarquia de Almeida, muitos ficaram em lista de espera.

A Expo Gastronomia foi um dos grandes destaques da edição deste ano, tendo incluído a apresentação de produtos do concelho, como o pão, a doçaria, os vinhos, a cerveja artesanal e a cidra. Os visitantes também puderam degustar os melhores sabores da região nos showcookings e nas tasquinhas. Nesta área, foram igualmente apresentados os pastéis oficiais do evento: 'O Gambuzino' e 'A Merenda do Caçador'. Residentes, turistas e visitantes foram, ainda, convidados a fazer uma rota pelos restaurantes e pastelarias do concelho.

Os amantes da natureza puderam

participar em montarias ao javali, largadas de perdizes, demonstrações de caça com aves de rapina e cães de parar, bem como em concursos de pesca.

Já os mais pequenos divertiram-se com a 'Caça aos Gambozinos', passeios de burro, carrosséis, tiro virtual, tiro com arco e tiro pré-histórico.

Esteve, ainda, patente a exposição 'Uma viagem aos 20 mil anos de caça e pesca no Vale do Côa', que deu a conhecer quatro épocas históricas, numa área que ocupou 200 metros quadrados.



António Machado, Presidente da Câmara Municipal de Almeida

Programa também incluiu espetáculos de música

Várias foram as propostas musicais a subir ao palco do certame, nomeadamente: Vera Nunes; Bárbara Tinoco; Insert Coin; 3 Loucos e 1 São Que Não Veio; D.A.M.A; Dj Morfal; Grupo Coral Polifónico de Vilar Formoso; Grupo de Cantares Árvore da Vida; Grupo de Sevilhanas Taconeos da Raia; e Toca & Dança.





André Cid Ferreira, presidente da Federação de Caça e Pesca da Beira Interior (FCPBI)



Ver e sentir o concelho de Almeida

Todos os que visitaram o concelho de Almeida durante o fim de semana da feira puderam usufruir de um roteiro turístico para conhecer o que de melhor o concelho tem para oferecer. Segundo a autarquia, muitas foram as pessoas que desfrutarem deste roteiro.

Também pode descobrir Almeida e as suas potencialidades lendo um especial dedicado a esse município, na segunda edição da revista ALVA, [aqui](#).









26.ª edição da Feira da Caça e Turismo de Macedo de Cavaleiros registou maior adesão de sempre

O coração do Nordeste Transmontano voltou a receber milhares de visitantes atraídos por um programa de atividades cinegéticas bastante diversificado.

Dias Bons

A Feira da Caça e Turismo de Macedo de Cavaleiros deste ano realizou-se de 25 a 28 de janeiro. Esta 26.ª edição superou todas as anteriores em termos de público.

Organizado pela FACIRC - Federação das Associações de Caçadores da Primeira Região Cinegética, com o apoio do Município de Macedo de Cavaleiros, o evento contou com a presença de inúmeros expositores com novidades do setor venatório.

Houve também provas de beleza de cães, corridas de galgos, Provas de Santo Huberto, as já famosas montarias da Festa dos Caçadores do Norte e espetáculos equestres.

Destaque igualmente para a Rota Gastronómica do Javali, durante a qual os vários restaurantes aderentes serviram diferentes propostas culinárias à base deste produto de caça.



António Castro Rivela, Presidente da Federación Galega de Caza
Vitor Palmilha, Presidente da Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses
João Alves, Presidente da FACIRC
Francisco Castanheira Pinto e António Fernando, dirigentes da FACIRC



Benjamim Rodrigues, Presidente da Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros

















JORGE PIÇARRA

Treinador de cães

Cão de parar Uma Paixão

Qualidades naturais, níveis de ensino e técnicas de condução

Se pretendermos evoluir tecnicamente o nosso companheiro de caça, de forma que ele possa participar em provas de avaliação funcional, o primeiro passo passa por investir na nossa formação. Um dos conselhos que dou aos leitores é que

procurem informação credível sobre a matéria e a estudem de forma concentrada. É importante estudar e não apenas ler alguns conceitos que nos chegam de fontes pouco credíveis.

Áreas de estudo que penso que são fundamentais de investir na nossa formação:

- ⊕ Crescimento saudável, físico e psíquico do nosso cão
- ⊕ Estímulos corretos para despertar os seus instintos inatos, bem como o seu desenvolvimento psíquico
- ⊕ Dominar as técnicas de ensino base
- ⊕ Conhecimento profundo dos estalões morfológicos e funcionais das diferentes raças do sétimo grupo
- ⊕ Estudar os regulamentos das diferentes disciplinas que avaliam funcionalmente o trabalho dos cães de parar (regulamentos provas de cães de parar CPC/FCI)

Mas o que se avalia numa prova de cães de parar?

As provas de cães de parar são eventos de avaliação funcional que se desenvolvem no campo, em situação de procura de aves cinegéticas, onde o cão é avaliado por juizes, reconhecidos pela federação cinológica internacional, baseados nos regulamentos das provas e nos estalões de trabalho dos exemplares.

Um exemplar qualifica-se quando consegue, no seu percurso, efetuar

um ponto válido sem incorrer em faltas eliminatórias. Pretendemos classificar, qualificando os exemplares numa escala de avaliação de 0 a 20, que depois em função da nota e com um intervalo mensurável, atribuímos notas de Bom, Muito Bom, Excelente, Excelente Reserva de CACT e Excelente CACT.

O objetivo é que o concurso destaque, através das suas qualificações e

classificações, os concorrentes mais dotados, que conseguiram evidenciar nos seus concursos de caça, um elevado nível de qualidades naturais e níveis de ensino elevados. A tipicidade e espetacularidade num exercício da sua função são também tidas em conta na avaliação final.

Provas disponíveis para cães jovens (idade 7 a 30 meses) *

Alguns tipos de provas que podemos participar:

Prova de TAN (teste de aptidão natural) – neste teste, não há avaliação de 0 a 20, mas apenas a indicação de apto ou não-apto. Neste tipo de teste, pretendemos apenas identificar os exemplares, que dentro de uma idade entre os 7 e os 24 meses, contenham os requisitos mínimos para poderem praticar o ato venatório. Buscar e encontrar de forma correta (após detetar emanação deve efetuar a paragem) uma ave cinegética e não demonstrar receio à detonação de um disparo.

Prova Derby - nesta prova, os exemplares, com idades entre os 7 e os 24 meses de idade, são sujeitos a uma qualificação quando consigam efetuar um ponto válido sobre uma ave cinegética. Não há classificação, há apenas qualificação. O espírito desta prova é evidenciar os exemplares que consigam juntar às suas qualidades inatas de caça tipicidade na sua ação funcional. Os exemplares são sujeitos a um breve exame morfológico, sendo excluídos dos mesmos defeitos visíveis não autorizados.

Prova Júnior - os exemplares com a idade entre os 7 e os 30 meses podem participar nestes eventos que classificam e qualificam os concorrentes que, durante o seu percurso, consigam obter um ponto válido sobre uma ave cinegética. Nesta prova, os critérios de avaliação incidem nas qualidades naturais do exemplar, tipicidade e níveis de ensino.

*Tabela de avaliação de 0 a 20

de 0 a 7 - Insuficiente
de 7 a 11 - Bom
de 11 a 15 - Muito Bom
+15 - Excelente
de 17 a 20 - Excelente com acesso RCACT e CAC

Níveis de ensino necessários para participar em provas neste tipo de provas. Podemos subdividir a escala de ensino em 5 níveis e atribuir cores a cada patamar de forma a identificar os graus técnicos do nosso companheiro.

Artigo escrito por Jorge Piçarra e retirado da revista 'XXV Feira de Caça, Pesca, Turismo e Natureza', editada em 2023.

CNCP vai estar presente na EXPOCAÇA de Santarém

A Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses volta a participar naquela que é a mais antiga feira do setor na Península Ibérica.

É já de 10 a 12 de maio que acontece a EXPOCAÇA de Santarém. As expectativas para a 34.ª edição estão altas, depois de, em 2023, ter alcançado um número recorde de visitantes: 23.350. Tratou-se de um aumento de cerca de 10% face ao ano anterior. Este facto mostra bem a relevância deste evento para a divulgação da dinâmica que permite que o setor se desenvolva de forma ordenada e sustentável.

A Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses - CNCP volta a estar presente neste importante certame, num stand próprio, onde apresentará toda a informação sobre as atividades desenvolvidas.





Além de instituições do setor, os visitantes poderão encontrar diversas empresas, que vão partilhar as suas novidades. A zona expositiva vai estar dividida em diferentes setores. Destaque, por exemplo, para: armas e munições; acessórios e complementos; cutelaria; produtores de caça; vestuário e calçado, taxidermia; pesca; correaria; criadores de cães; organização de caçadas e associações.

A EXPOCAÇA tem lugar no CNEMA - Centro Nacional de Exposições de Santarém e os interessados em saber mais pormenores podem aceder ao website do evento, [aqui](#).

Este certame conta com o apoio e o empenho da Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses - CNCP.

JORNADAS DA CAÇA

MÉRTOLA . CAPITAL NACIONAL DA CAÇA

24
Maio

JORNADA DO MÊS


MÉRTOLA É CAÇA!

Pavilhão Multiusos | Mértola
17h30

- 01** Apresentação do Regulamento de **Apoios às Zonas de Caça e Caçadores**
- 02** Primeiros resultados do PRLIC **Projeto de Recuperação da Lebre Ibérica e Coelho Bravo**
- 03** Apresentação do Projecto **Mértola Bio Live Cam**
- 04** Visitas de Campo **Parque dos Coelhos (PRLIC) Zona de Caça Municipal**
Campus Alsud (CEDGRCB) - Talhões 2 e 3
- 05** **Convívio com Petisco**
Nos terrenos da Zona de Caça Municipal



Inscreva-se aqui:
merto.la/JornadaMaio

Informações:  merto.la/jornadasdacaça  jdc@cm-mertola.pt



Município de Mértola promove segunda edição das Jornadas da Caça



Depois de uma primeira edição em 2023, as Jornadas da Caça regressam ao concelho de Mértola, com um total de oito sessões.

Organizadas pela Câmara Municipal de Mértola, as Jornadas da Caça têm como principais objetivos impulsionar o setor cinegético, salvaguardar a identidade deste território, fortalecer a sustentabilidade da marca 'Capital Nacional da Caça' e estabelecer uma comunicação contínua entre os atores do setor.

O formato deste ano é semelhante ao de 2023, com a diferença de que na edição deste ano são oito jornadas,

mais uma do que na primeira edição.

Está prevista uma jornada por mês, até outubro, sendo que as primeiras se realizaram em março e abril. A iniciativa inclui ações de formação, caçadas, colóquios e visitas de campo, culminando com a Feira da Caça.

As particularidades e informações pormenorizadas de cada jornada são divulgadas até 10 dias antes da data de cada ação.

São várias as entidades parceiras desta segunda edição das Jornadas da Caça: Escola de Caça, Pesca e Natureza; Escola Profissional ALSUD; Instituto de Conservação da Natureza e Florestas (ICNF); Clube Português de Monteiro (CPM); Estação Biológica de Mértola (EBM); Associação Alentejana de Falcoaria (ALFA) e algumas Zonas de Caça do Concelho.



Obra de arte mais antiga reflete cena de caça

A caça não só é frequentemente retratada na arte como é o tema daquela que se acredita ser a obra de arte figurativa mais antiga do mundo.



Diego Velázquez, Jan van der Straet, Paul de Vos, Gustave Courbet ou Claude Monet são apenas alguns dos muitos artistas, das mais variadas épocas, que retrataram a caça nas suas obras.

No entanto, esta atividade está presente na arte há muito mais tempo do que se imagina. Acredita-se, inclusivamente, que a obra de arte figurativa mais antiga alguma vez encontrada seja uma representação de uma cena de caça.

Essa obra foi descoberta em 2017, numa caverna na ilha de Sulawesi, na Indonésia. No interior da caverna,

um homem chamado Pak Hamrullah encontrou uma pintura rupestre de mais de quatro metros de largura, com dois javalis e quatro búfalos anões cercados por oito figuras humanas. Algumas das figuras parecem estar a espreitar as presas com lanças e cordas.

Os cientistas acreditam que todas as figuras foram feitas ao mesmo tempo, há pelo menos 43 mil e 900 anos, e que representam uma narrativa de uma caçada.

Esta descoberta é considerada um marco importante para a arqueologia, uma vez que desafia

as ideias anteriores sobre o desenvolvimento da arte humana. Até então, acreditava-se que a arte figurativa mais antiga do mundo era a pintura do homem-pássaro, encontrada na caverna de Lascaux, em França, com cerca de 17 mil e 300 anos.

O achado na ilha de Sulawesi sugere que os humanos modernos desenvolveram a capacidade artística muito antes do que se pensava. Isso levanta a possibilidade de que a arte figurativa tenha surgido em vários lugares do mundo de forma independente, e não apenas na Europa.

Com muito sabor

Veado com castanhas e cogumelos



Ingredientes

(para 3 a 4 doses)

1 kg de lombo de veado	3 colheres de sopa de azeite
400 g de castanhas cozidas	1 colher de sopa de grãos de pimenta esmagados
300 g de cogumelos	1 ramo de alecrim
1 frasco de cebolinhas	Sal q.b.
3 dentes de alho	
2 laranjas	



Preparação

Tempere o lombo com o sumo das laranjas, os alhos esmagados, a pimenta esmagada, o alecrim e sal. Deixe marinar durante algumas horas ou de um dia para o outro.

Após esse tempo, escorra bem a carne da marinada, aloure-a numa frigideira com o azeite. Depois, transfira-a para um tabuleiro e leve ao forno, pré-aquecido a 180 °C, por cerca de 25 minutos.

Leve ao lume um tacho com as castanhas cozidas, os cogumelos cortados em quartos, as cebolinhas escorridas e a marinada da carne e deixe apurar.

Sirva a carne fatiada, decorada com um raminho de alecrim e acompanhada com a mistura de castanhas, cogumelos e cebolinhas.

Fonte: teleculinaria.pt

